

## **O Fim da Infância**

*J. Roberto Whitaker Penteadó*

*A multidão sempre permanece na infância. - Goethe*

O título deste artigo remete ao de um importante livro do escritor Arthur Clarke, escrito em 1953, no tempo em que havia um estilo literário denominado "ficção científica". A FC foi interessante, como leitura, em especial na segunda metade do século passado, pois juntava observações da ciência real – dos transistores aos foguetes – com considerações filosóficas de escritores de certa qualidade, geralmente associadas a questões éticas. Infelizmente, hoje, o estilo está praticamente extinto, tendo sido substituído por uma ficção fantástica quase totalmente desprovida de qualquer valor intelectual agregativo – no meio da qual pontifica o execrável Harry Potter e os outros imitadores da Sra. Rowling.

O "fim da infância" a que se referia Clarke tinha a ver com o seqüestro, por uma raça alienígena, de todas as crianças do mundo, diante da conclusão – a que chegara um espírito "superior" – de que a humanidade adulta não tinha mesmo jeito. (Não deixa de ser interessante cotejar esta idéia com a conclusão semelhante de um outro pensador – este brasileiro – morto 5 anos antes: José Bento Monteiro Lobato).

O fim da infância a que me desejo referir, contudo, neste artigo, é um pouco diverso, ainda que tenha algo a ver com as divagações cínicas de Clarke e Lobato. Trata-se do fim da irresponsabilidade imatura que tem caracterizado a sociedade brasileira, nesse pouco mais de meio milênio, desde que por aqui aportaram alguns europeus ibéricos, para dar início a uma nova nação, no que parece ter permanecido como tentativa.

Acho que o ponto de inflexão é a grande crise ética que o país ainda está vivendo, neste ano de 2007, e que teve – como cenário e enredo – a morte violenta e trágica de duas centenas de pessoas, diante da consternação dos seus parentes e amigos, do choque e tristeza de uma parte sensível da sociedade (felizmente ainda substancial); da indiferença bestializada de uma maioria – iletrada, desinformada e – por isso - insensível e, sobretudo, da gozação horrenda, dos gestos obscenos, das condecorações indecorosas e do escapismo geral dos atuais ocupantes do poder político no país.

A tragédia de 17 de julho marca fundo, no sentido de ter sido um efeito resultante de muitas causas; de ter mostrado que o jeitinho, a cupinchada, a canalhice, a esperteza, o desprezo que descarta os outros, acabam levando à destruição e à morte. Faz com que se olhe em volta e se constate que – se algo não mudar - o mesmo vai acontecer com as águas, com as florestas, com os transportes, a energia, o próprio ar que se respira.

São diversas as origens sociais e econômicas que nos trouxeram a este ponto; pessoalmente, acredito que tenham muito a ver com uma estrutura social montada em cima do servilismo abjeto da escravidão, que nos negou capacidade e maturidade para adquirir a vontade para decidir – por mais de 20 gerações – fazendo com que permanecessemos nesta longa e indesejável infância.

Só que a brincadeira desandou em tragédia. Estão todos percebendo.

**Disponível em:** <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=120&ID=411>>. Acesso em: 30 jul. 2009.